

Quem eram enquanto jovens? Uma análise comparativa das trajetórias, valores e experiências formativas de grandes líderes mundiais, com enfoque na realidade moçambicana

Who were they as young people? A comparative analysis of the trajectories, values and formative experiences of great world leaders, with a focus on the mozambican reality

Leonardo Vasco Naife¹

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar as trajetórias, os valores e as experiências vividas na juventude por personalidades reconhecidas mundialmente pela sua liderança, buscando identificar padrões comuns e diferenças significativas entre percursos de vida distintos. Parte-se do pressuposto de que o sucesso e a capacidade de liderança não decorrem apenas de talento inato ou de circunstâncias favoráveis, mas resultam de processos de formação pessoal, marcados pela disciplina, pela educação, pela influência familiar, pelo contexto social e pela superação de dificuldades. Metodologicamente, propõe-se uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória, sustentada em pesquisa documental e bibliográfica, com análise comparativa de biografias, autobiografias e estudos acadêmicos sobre liderança e desenvolvimento humano. O estudo situa a discussão num plano geral e mundial, mas assume como caso concreto de referência a realidade moçambicana, representada pelas trajetórias de Samora Machel, Graça Machel e Joaquim Chissano, entendida pelo pesquisador como espaço legítimo de produção e afirmação de conhecimento científico africano. Espera-se, como resultado,

¹ Pesquisador independente. Natural de Chimpongo, distrito de Massinga, província de Inhambane, Moçambique. ORCID: não informado no momento da submissão.

evidenciar fatores recorrentes na juventude de grandes líderes, tais como perseverança, curiosidade intelectual, capacidade de aprender com o fracasso e visão de longo prazo, propondo-se ainda um modelo conceptual próprio -- as Cinco Bases da Formação da Liderança -- como contributo original do pesquisador. Conclui-se que a compreensão desses percursos pode contribuir para desmistificar a ideia de que a liderança nasce do acaso, oferecendo subsídios teóricos e práticos para a formação de jovens líderes, sobretudo no contexto moçambicano e africano.

Palavras-Chave: liderança; juventude; trajetórias de vida; formação de líderes; Moçambique; desenvolvimento humano.

Abstract

This article aims to analyze the trajectories, values and experiences lived during the youth of personalities widely recognized for their leadership, seeking to identify common patterns and significant differences among distinct life paths. It is assumed that success and leadership capacity do not result solely from innate talent or favorable circumstances, but from processes of personal formation shaped by discipline, education, family influence, social context and the ability to overcome adversity. The discussion is framed at a general, global level, but takes the Mozambican reality -- represented by the trajectories of Samora Machel, Graça Machel and Joaquim Chissano -- as its concrete case of reference, understood by the researcher as a legitimate space for the production and affirmation of African scientific knowledge. As a result, the study is expected to highlight recurrent factors in the youth of great leaders, and it further proposes an original conceptual model -- the Five Pillars of Leadership Formation. It is concluded that understanding these life paths can help demystify the idea that leadership arises by chance, offering theoretical and practical contributions to the formation of young leaders, particularly within the Mozambican and African context.

Keywords: leadership; youth; life trajectories; leader development; Mozambique; human development.

1 Introdução

A pergunta "quem eram, enquanto jovens, os homens e mulheres que hoje reconhecemos como grandes líderes?" carrega um duplo interesse: por um lado, desperta a curiosidade natural do público em conhecer a face humana, muitas vezes desconhecida, de personalidades que marcaram a história da política, da ciência, do empreendedorismo e dos direitos humanos; por outro, coloca um problema de investigação legítimo e pouco explorado de forma sistemática pela literatura científica. Enquanto a maioria das biografias e dos discursos de motivação tende a valorizar o momento do reconhecimento público o feito, a conquista, o legado, pouco estudo dedica atenção comparativa e rigorosa à fase da juventude, período em que se consolidam hábitos, valores e disposições que, mais tarde, sustentarão o exercício da liderança.

A motivação desta investigação nasce também da reflexão do próprio pesquisador, jovem moçambicano oriundo do povoado de Chimpongo, distrito de Massinga, província de Inhambane, criado em contexto de limitações socioeconômicas, mas profundamente convencido de que as circunstâncias de origem não determinam o destino humano. A observação da trajetória de líderes mundiais despertou a inquietação científica que orienta este estudo: compreender quem eram essas personalidades antes do reconhecimento público e quais elementos da juventude contribuíram para a construção da sua liderança. É dessa mesma inquietação que decorre a opção de situar a discussão, ao longo de todo o artigo, num duplo plano: um plano geral e mundial, que fornece amplitude comparativa ao estudo, e um plano concreto e local, centrado na realidade moçambicana, que constitui a identidade e o propósito último desta investigação.

A juventude constitui, do ponto de vista do desenvolvimento humano, uma etapa decisiva de construção da identidade, na qual o indivíduo experimenta, testa e consolida valores, crenças e formas de se relacionar com o mundo (ERIKSON, 1968). É também nesse período que se manifestam, de forma ainda incipiente, traços que a literatura sobre liderança reconhece como recorrentes em indivíduos de elevado desempenho: disciplina, perseverança diante das dificuldades, capacidade de aprender com o erro e visão orientada para o longo prazo (MAXWELL, 2014; BLANCHARD et al., 2007). Compreender como esses atributos emergem e se desenvolvem antes do reconhecimento público é, portanto, compreender parte substancial do próprio fenômeno da liderança.

O problema que orienta esta investigação decorre de uma constatação recorrente no discurso social contemporâneo, sobretudo entre jovens: a ideia de que o sucesso e a liderança resultam, principalmente, de sorte, talento inato ou circunstâncias excepcionais, e não de processos de formação pessoal construídos ao longo do tempo. Essa crença, quando difundida sem contraponto crítico, tende a desmobilizar o investimento dos jovens na própria formação educacional, ética e comportamental, por assumirem, implicitamente, que tais percursos estariam reservados a poucos "escolhidos". Coloca-se, assim, a seguinte questão de investigação: em que medida as experiências, os valores e as trajetórias vividas na juventude contribuíram para a formação da liderança de personalidades reconhecidas mundialmente, e que padrões comuns e diferenças significativas podem ser identificados entre esses percursos e, de forma mais específica, o que destes percursos é directamente transponível para a realidade da juventude moçambicana?

1.1 Objecto de Estudo

O objecto de estudo desta investigação e as trajectórias, os valores e as experiências vividas na juventude por personalidades reconhecidas mundialmente pela sua liderança, analisadas de forma comparativa a partir de fontes biográficas, autobiográficas e académicas. Dentro desse objeto mais amplo, assume-se como caso concreto de referência a juventude de Samora Machel, Graça Machel e Joaquim Chissano, personalidades moçambicanas cuja trajectória de formação constitui o núcleo motivador e o ponto de chegada desta pesquisa.

1.2 Objetivo Geral

- Analisar as características, as experiências e os valores desenvolvidos durante a juventude de grandes personalidades que influenciaram o mundo, identificando regularidades e singularidades nos seus percursos de formação, de modo a propor um modelo conceptual próprio de formação da liderança, com particular destaque para a sua aplicabilidade ao contexto moçambicano.

1.3 Objetivos Específicos

- Identificar as principais dificuldades enfrentadas por essas personalidades ainda na juventude;

- Comparar diferentes trajetórias de vida, considerando contextos históricos, sociais e geográficos distintos;
- Identificar fatores comuns associados à formação da liderança;
- Demonstrar a importância da educação nesse processo;
- Evidenciar a influência da disciplina pessoal;
- Analisar o papel da família na formação de valores;
- Analisar a influência do ambiente e do contexto social mais amplo; e
- Propor, a partir da síntese comparativa, um modelo conceptual próprio de formação da liderança, com particular atenção à sua aplicabilidade ao contexto moçambicano.

1.4 Justificativa

A justificativa desta investigação assenta em três planos que se reforçam mutuamente: o científico, o social e o pessoal, este último indissociável da identidade do pesquisador.

Do ponto de vista científico, o tema dialoga com múltiplas áreas do conhecimento: psicologia do desenvolvimento, educação, sociologia, liderança organizacional, relações internacionais e estudos sobre juventude, o que confere à investigação um carácter interdisciplinar. A sua originalidade reside na proposta de uma análise comparativa e sistemática da juventude de diferentes líderes, superando a abordagem predominantemente descritiva e elogiosa das biografias tradicionais, e culminando na proposta de um modelo conceptual próprio as Cinco Bases da Formação da Liderança, que não existia, nestes termos, na literatura consultada.

Do ponto de vista social, a justificativa desta pesquisa é, sobretudo, urgente. Vive-se, entre a juventude contemporânea e a moçambicana em particular, um discurso difundido segundo o qual o sucesso e a liderança resultariam de sorte, de talento inato ou de circunstâncias excepcionais, jamais reservadas a quem nasce em contextos de escassez. Este discurso, quando não confrontado com evidência, tem um efeito concreto e mensurável: desmobiliza o investimento dos jovens na própria formação educacional, ética e comportamental, por assumirem, implicitamente, que tais percursos estão reservados a poucos "escolhidos". Este artigo demonstra, com base em doze trajetórias

verificáveis entre as quais três moçambicanas, que essa crença é factualmente insustentável: a limitação de recursos, tantas vezes apontada como justificação para a inação, foi historicamente o ponto de partida, e não o obstáculo intransponível, de algumas das lideranças mais influentes do mundo.

Do ponto de vista pessoal, esta investigação justifica-se, ainda, pela trajectória do próprio pesquisador, jovem moçambicano natural de Chimpongo, distrito de Massinga, província de Inhambane, criado em contexto de limitações socioeconômicas. É essa vivência que confere a este estudo uma legitimidade que nenhuma revisão puramente académica alcançaria sozinha: a de um trabalho escrito não apenas sobre a juventude e a liderança, mas a partir de dentro da própria experiência que procura compreender. Por fim, e de forma mais ampla, esta investigação insere-se num esforço, ainda insuficiente, de produção de conhecimento científico moçambicano e africano sobre liderança área historicamente dominada por referências estrangeiras, contribuindo para que a juventude do continente disponha, também, de modelos teóricos construídos a partir da sua própria realidade e não apenas importados de fora dela. É esta tripla justificativa científica, social e pessoal que confere a este artigo o seu propósito e a sua razão de ser.

1.5 Estrutura do Artigo

O artigo está organizado da seguinte forma: após esta introdução, apresenta-se a revisão da literatura, que sustenta teoricamente a discussão sobre juventude, formação de valores e desenvolvimento da liderança e culmina na proposta de um modelo conceptual próprio; em seguida, descreve-se a metodologia adoptada, de natureza qualitativa e documental; posteriormente, apresentam-se e discutem-se os resultados obtidos a partir da análise comparativa das trajectórias seleccionadas, com particular destaque para o caso moçambicano; e, por fim, tecem-se as considerações finais, com a síntese dos principais achados, os limites do estudo e sugestões para investigações futuras.

2 Revisão da Literatura

Este capítulo reúne, discute e confronta as contribuições de diferentes correntes teóricas sobre liderança e desenvolvimento humano com os percursos biográficos de personalidades que, ainda jovens, começaram a construir os alicerces da liderança que mais tarde exerceriam. A opção metodológica desta revisão não é apresentar os autores

de forma isolada, mas colocá-los em diálogo entre si e com as trajetórias de vida analisadas, de modo a que o leitor perceba tanto os consensos quanto às tensões existentes na literatura, bem como o posicionamento assumido pelo pesquisador diante delas.

2.1 O Significado da Juventude na Formação da Identidade e da Liderança

Erikson (1968) é, porventura, o autor que melhor sistematizou o significado psicossocial da juventude ao propor que essa fase corresponde a uma verdadeira crise de identidade, entendida não como um colapso, mas como um período de experimentação, de testes e de escolhas que permitem ao indivíduo responder à pergunta "quem sou eu?". Para o autor, é durante a adolescência e a juventude que o sujeito integra as experiências da infância a um projeto de futuro, construindo um sentido coerente de si mesmo. Essa perspectiva é central para o presente estudo, pois sugere que os valores, as convicções e os hábitos que mais tarde sustentam o exercício da liderança não surgem de forma súbita na vida adulta, mas resultam de um processo cumulativo, iniciado precisamente na juventude.

Kouzes e Posner (1997) partilham dessa premissa ao afirmarem que a liderança é, antes de mais, um processo de autoconhecimento: só é possível mobilizar os outros em torno de aspirações partilhadas depois de se ter clareza sobre os próprios valores. Bergamini (1994), por seu turno, chama a atenção para o facto de a liderança ser um fenómeno essencialmente relacional, que pressupõe pelo menos duas pessoas e um contexto de influência; nesse sentido, a juventude funciona como o "laboratório" onde o indivíduo experimenta pela primeira vez essas relações de influência, seja na família, na escola, no desporto ou em pequenos grupos comunitários. O pesquisador partilha desse entendimento e considera que a juventude deve ser lida não como simples antecâmara da vida adulta, mas como etapa constitutiva e insubstituível da formação do líder, o que justifica a escolha metodológica de investigar as biografias precisamente nesse período menos explorado.

2.2 Como Nasce um Líder: entre o Inato e o Construído

Um dos debates mais persistentes na literatura sobre liderança opõe a Teoria dos Traços, que predominou até finais da década de 1940 e segundo a qual a liderança resultaria de características de personalidade inatas capacidade, realização,

responsabilidade, participação e condição social, às abordagens posteriores, de cariz comportamental e situacional, que passaram a defender que a liderança pode ser aprendida e desenvolvida (BERGAMINI, 1994; HERSEY; BLANCHARD, 1977). Robbins (2005) sintetiza essa evolução ao definir a liderança como a capacidade de influenciar um grupo em direção a metas, capacidade essa que, embora beneficie de certas predisposições pessoais, é sobretudo lapidada pela experiência e pela prática continuada.

Maxwell (2014) reforça essa posição de forma incisiva ao defender que a liderança não nasce pronta: exige um plano de crescimento pessoal deliberado, alimentado pela leitura, pelo relacionamento com mentores e pela disposição para aprender diariamente. Já Charan, Drotter e Noel (2012), através do modelo do Pipeline de Liderança, mostram que mesmo a primeira e mais elementar competência de liderança a de "gerenciar a si mesmo" precisa de ser conscientemente desenvolvida antes que o indivíduo esteja apto a liderar outros. Confrontando essas posições, o pesquisador adota, para efeitos deste estudo, uma leitura de síntese: reconhece-se que certas predisposições individuais -- curiosidade, energia, sensibilidade social podem favorecer o despontar da liderança, mas defende-se, à luz da evidência biográfica que será discutida adiante, que é a interação entre essas predisposições e um conjunto de experiências e desafios vividos na juventude que efectivamente talha o líder. Não há, portanto, um "gene da liderança", mas há, seguramente, janelas de formação que, bem aproveitadas, potenciam o seu desenvolvimento.

2.3 Os Desafios Enfrentados na Juventude por Grandes Líderes

A revisão biográfica de personalidades de diferentes campos de atuação revela que, praticamente sem excepção, a juventude dessas figuras foi marcada por adversidades concretas, e não por trajectórias lineares de sucesso. Nelson Mandela, por exemplo, cresceu numa África do Sul segregada, foi criado por um regente após a morte do pai e viveu, ainda jovem, a experiência da expulsão da Universidade de Fort Hare por participação em protestos estudantis, factos que o próprio relata como decisivos para a sua politização precoce (MANDELA, 1994). Mahatma Gandhi, por sua vez, descreve-se na juventude como um rapaz tímido e inseguro, casado ainda adolescente segundo os costumes da época, cuja transformação em líder da resistência não-violenta

só começou a desenhar-se quando, já adulto jovem, enfrentou pessoalmente o racismo institucional na África do Sul (GANDHI, 1927).

Martin Luther King Jr. cresceu numa Atlanta segregada, filho de um pastor baptista, e testemunhou desde cedo, na pele e à sua volta, os efeitos concretos do racismo institucionalizado; entrou para o Morehouse College aos quinze anos e viria a doutorar-se em Teologia Sistemática pela Universidade de Boston, formação que lhe forneceria as ferramentas intelectuais que, associadas à experiência vivida, sustentariam a sua actuação à frente do boicote aos autocarros de Montgomery ainda antes dos trinta anos (CARSON, 1998). Abraham Lincoln representa um percurso ainda mais marcado pela escassez material: nascido numa cabana no limite da fronteira norte-americana, perdeu a mãe ainda criança, teve acesso a menos de um ano de instrução formal e viveu sucessivas derrotas políticas e pessoais antes de chegar à presidência dos Estados Unidos, tendo construído praticamente sozinho, através da leitura voraz, a sua formação jurídica e política (GOODWIN, 2005).

No campo empresarial e tecnológico, Steve Jobs foi dado para adoção ainda bebé, abandonou a universidade ao fim de um semestre por não ver sentido no investimento financeiro que representava para os pais adoptivos, e viveu, já jovem empreendedor, a humilhação pública de ser afastado da empresa que fundara (ISAACSON, 2011). Elon Musk, por seu turno, descreve uma infância marcada por um ambiente familiar difícil e por episódios de assédio escolar na África do Sul, refugiando-se na leitura extensiva de enciclopédias e ficção científica, e decidiu emigrar sozinho, ainda adolescente, rumo ao Canadá, em busca de oportunidades que o seu país de origem não lhe oferecia (ISAACSON, 2023). Em ambos os casos, a dificuldade vivida na juventude não paralisou os percursos: pelo contrário, parece ter funcionado como catalisador de uma determinação pouco comum.

As trajectórias africanas seleccionadas para este estudo confirmam o mesmo padrão. Wangari Maathai cresceu no Quénia ainda sob domínio colonial britânico, numa altura em que a escolarização de raparigas era excepcional; apenas graças ao empenho da família e a uma bolsa de estudos do programa "Airlift África" conseguiu estudar nos Estados Unidos, tornando-se, mais tarde, a primeira mulher da África Oriental e Central a obter um doutoramento e a primeira mulher africana a receber o Prémio Nobel da Paz (MAATHAI, 2006). Graça Machel perdeu o pai ainda antes de nascer e deve a

possibilidade de estudar ao sacrifício da mãe e dos irmãos mais velhos, que cumpriram a promessa feita ao pai de dar à filha caçula a oportunidade de estudar; formada em Filologia Germânica em Lisboa, aderiu ainda estudante, na clandestinidade, à luta pela independência de Moçambique (ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA, 2026).

Samora Machel, filho de um camponês, viu o regime colonial português restringir-lhe o acesso ao ensino secundário, permitindo-lhe apenas seguir estudos de teologia; recusando esse caminho, mudou-se sozinho para Lourenço Marques, formou-se enfermeiro e financiou os próprios estudos secundários nocturnos com o salário do hospital onde trabalhava, viria a tornar-se o primeiro Presidente de Moçambique independente (FRELIMO, 2026). Joaquim Chissano foi o primeiro estudante negro admitido no único liceu da colónia, o Liceu Salazar, em Lourenço Marques, e ainda adolescente assumiu a liderança do núcleo de estudantes secundários africanos moçambicanos, actividade política que o obrigaria, poucos anos depois, a abandonar os estudos de Medicina em Lisboa e a partir para o exílio (SAMEPASSAGE, 2026). Em todos estes casos, a juventude foi vivida sob restrição colonial, racial, económica ou familiar, e é precisamente essa restrição, associada à forma como cada um respondeu a ela, que a literatura aponta como matriz comum da liderança que se seguiria.

2.4 Hábitos que Transformaram Vidas

Para além dos desafios enfrentados, a literatura destaca um conjunto de hábitos que, cultivados ainda na juventude, acompanharam estas personalidades ao longo de toda a vida. Maxwell (2014) sublinha a leitura constante e a postura de "eterno aprendiz" como hábitos indispensáveis: segundo o autor, quem não tem um plano de crescimento pessoal não deve esperar crescer. Kouzes e Posner (1997) acrescentam o hábito de "modelar o caminho", isto é, de agir de forma coerente com os valores que se defendem, ainda antes de se ocupar qualquer posição formal de liderança. Nas biografias analisadas, esse hábito aparece de forma recorrente: a leitura voraz de Lincoln e de Musk, o registo de aprendizagens em cadernos e a curiosidade intelectual de Jobs, ou a disciplina de estudo nocturno de Samora Machel, todos ilustram esse mesmo padrão de investimento contínuo na própria formação, mesmo em contextos de grande escassez de recursos.

Outro hábito recorrente é a capacidade de transformar o fracasso em aprendizagem. Maxwell (2014) defende que o maior erro que um líder pode cometer não é falhar, mas não perguntar onde errou; a mesma ideia é retomada por Charan, Drotter e Noel (2012) quando descrevem a transição de "gerenciar a si mesmo" para "gerenciar outros" como um processo necessariamente feito de tentativa, erro e correção. As sucessivas derrotas eleitorais de Lincoln antes da presidência, o afastamento de Jobs da própria empresa, ou as prisões e perseguições sofridas por Mandela, Maathai e pelos jovens nacionalistas moçambicanos, ilustram como o revés, longe de encerrar a trajetória, foi incorporado como parte do processo de amadurecimento da liderança.

2.5 O Papel da Disciplina

A disciplina pessoal surge, de forma transversal, como um dos pilares mais citados na literatura sobre formação de líderes. Blanchard et al. (2007) associam a disciplina à capacidade de o indivíduo gerir a si próprio antes de pretender gerir outros, ideia que ecoa diretamente o primeiro nível do Pipeline de Liderança proposto por Charan, Drotter e Noel (2012). Maxwell (2014) vai mais longe ao afirmar que não basta administrar o tempo: é preciso administrar a própria vida, submetendo as escolhas diárias a um sentido de prioridade e de propósito. Esta é, precisamente, a lição que se extrai do percurso de Samora Machel, que conciliou o trabalho assalariado de enfermeiro com estudos noturnos auto financiados, ou de Graça Machel, cuja dedicação aos estudos correspondia ao cumprimento de um compromisso familiar que exigia disciplina e responsabilidade constantes.

A disciplina manifesta-se também, em vários dos percursos analisados, sob a forma de rotina e de auto-regulação em contextos de grande adversidade: é o caso da rotina de estudo e de exercício físico mantida por Mandela durante os longos anos de prisão, ou da persistência metódica com que Maathai reconstruiu, árvore após árvore, o seu projecto ambiental. O pesquisador entende que a disciplina, mais do que uma virtude moral abstracta, deve ser lida como uma competência treinável, cuja prática consistente na juventude cria a base sobre a qual, mais tarde, assentará a credibilidade do líder perante os seus liderados.

2.6 A Influência da Educação

A educação surge, em praticamente todas as trajectórias analisadas, como factor de charneira, seja pelo acesso que proporcionou, seja pela sua negação. Erikson (1968) já havia assinalado que a escola constitui um dos principais espaços sociais em que o jovem testa competências e recebe reconhecimento externo, contribuindo diretamente para a construção da identidade. No caso de Graça Machel, que viria a ser a primeira Ministra da Educação de Moçambique independente, a própria trajectória pessoal -- a bolsa de estudos obtida junto de poucas privilegiadas, o sacrifício familiar para a manter na escola -- explicaria, em parte, o empenho com que, mais tarde, elevou as taxas de frequência escolar do país (ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA, 2026).

Por outro lado, a educação surge também como espaço de restrição e de resistência: o sistema colonial português limitava deliberadamente o acesso dos moçambicanos ao ensino secundário, como se verificou tanto no percurso de Samora Machel, a quem apenas era permitido seguir estudos religiosos, como no de Joaquim Chissano, o primeiro estudante negro admitido no único liceu da colónia (FRELIMO, 2026; SAMEPASSAGE, 2026). Nesses casos, a educação, mesmo limitada e negociada em condições desiguais, tornou-se paradoxalmente o instrumento através do qual esses jovens tomaram consciência política e organizativa, fundando ou integrando movimentos estudantis que seriam embrião dos futuros movimentos de libertação. Kouzes e Posner (1997) e Robbins (2005) reforçam, de um ponto de vista mais organizacional, que a educação formal e continuada permanece um dos principais preditores da capacidade de um indivíduo assumir e sustentar posições de liderança ao longo da vida adulta.

2.7 Comparação entre Diferentes Personalidades

A leitura comparada das trajectórias analisadas permite identificar, para além das diferenças óbvias de tempo, geografia e campo de atuação, alguns agrupamentos de sentido. Um primeiro grupo, composto por Mandela, Gandhi, Martin Luther King Jr., Samora Machel, Graça Machel e Joaquim Chissano, partilha uma politização precoce nascida do confronto directo com sistemas de opressão -- colonialismo, segregação racial ou apartheid --, em que a liderança emerge como resposta colectiva a uma injustiça vivida na pele. Um segundo grupo, composto por Steve Jobs e Elon Musk, revela um padrão distinto, assente na não-conformidade face a estruturas estabelecidas e numa curiosidade técnica precoce, em que a liderança emerge menos da resposta a uma

opressão colectiva e mais da vontade individual de reinventar um sector ou uma indústria. Um terceiro padrão, ilustrado por Wangari Maathai, evidencia uma liderança de matriz ambiental e comunitária, construída a partir da relação da jovem com a terra e com os recursos naturais da sua aldeia, e mais tarde traduzida em causa pública.

Verifica-se ainda uma distinção interessante quanto à via de acesso à formação: enquanto Chissano, Graça Machel, Maathai e Martin Luther King Jr. progrediram através de instituições formais de ensino, obtendo bolsas ou aproveitando oportunidades excepcionais dentro do sistema, Lincoln e Samora Machel construíram grande parte da sua formação fora dos circuitos formais, através do autodidatismo e do trabalho. Essa distinção sugere, na linha do que defendem Charan, Drotter e Noel (2012) a propósito das diferentes vias de desenvolvimento de competências de gestão, que não existe um único caminho institucional para a formação da liderança, mas antes múltiplas vias, formais e informais, que podem conduzir a resultados de liderança comparáveis. O que parece comum a todos os casos, independentemente da via seguida, é a combinação entre uma experiência formativa marcante e a decisão pessoal, tomada ainda jovem, de responder ativamente a essa experiência em vez de a sofrer passivamente.

2.8 Diferenças Marcantes: Além das Semelhanças

Se a secção anterior evidenciou agrupamentos e regularidades, é igualmente necessário, do ponto de vista científico, resistir à tentação de uniformizar trajetórias que são, na sua essência, singulares. Jobs não é Mandela: o primeiro construiu liderança a partir da ruptura com estruturas empresariais que ele próprio fundara, motivado por uma visão estética e tecnológica pessoal; o segundo construiu liderança a partir da resistência colectiva a um regime de segregação racial, motivado por um projecto de libertação de um povo. Mandela não é Musk: a liderança do primeiro tem raiz comunitária e reconciliadora, forjada em vinte e sete anos de prisão e orientada para a unidade nacional; a de Musk tem raiz empreendedora e competitiva, forjada em sucessivas empresas tecnológicas e orientada para a inovação de mercado. Lincoln não é Gandhi: Lincoln formou-se essencialmente fora de instituições formais, através da leitura autodidacta e da prática jurídica; Gandhi formou-se em instituições de ensino superior britânicas antes de radicalizar, já adulto, uma filosofia própria de ação não-violenta.

Estas diferenças não enfraquecem a análise comparativa; pelo contrário, reforçam a ideia central deste artigo de que não existe um único molde de juventude que produza

liderança, mas antes múltiplas configurações possíveis entre contexto, temperamento e escolha pessoal. É também por isso que o modelo conceptual proposto na secção 2.13 não pretende ser uma fórmula rígida, mas um quadro de leitura suficientemente flexível para acomodar percursos tão distintos quanto os aqui analisados.

2.9 Lideranças Científicas Mundiais: um Campo Ainda Pouco Explorado no Contexto Moçambicano

A amostra inicial deste estudo privilegiava, sobretudo, personalidades da política, da resistência civil e do empreendedorismo. Trata-se, porém, de um recorte incompleto, uma vez que a liderança também se manifesta, de forma decisiva, no campo da ciência. Marie Curie cresceu na Polónia sob domínio do Império Russo, numa época em que o ensino superior era vedado às mulheres polacas e em que o próprio ensino em língua polaca era reprimido; frequentou, ainda jovem, a clandestina "Universidade Voadora" antes de emigrar para Paris, onde viveu em condições de grande privação material enquanto estudava (QUINN, 1996). Albert Einstein foi, na juventude, um aluno considerado por alguns professores como pouco notável dentro dos padrões escolares da época, e só encontrou, através da leitura autodidacta de filosofia e física, e mais tarde através de um modesto emprego como funcionário público num escritório de patentes, o espaço necessário para desenvolver as intuições que dariam origem à teoria da relatividade (ISAACSON, 2007).

Stephen Hawking, diagnosticado ainda jovem, aos vinte e um anos, com uma doença neuromuscular degenerativa que lhe reduziria drasticamente a esperança e a qualidade de vida, transformou essa adversidade biológica extrema em motor de uma carreira científica de excepional produtividade (FERGUSON, 2011). Katherine Johnson, mulher afro-americana nascida numa Virgínia Ocidental segregada, viu-se obrigada a deslocar-se para fora da sua cidade para poder frequentar o ensino secundário, por este ser vedado à população negra na sua área de residência; viria a tornar-se uma das matemáticas responsáveis pelos cálculos de trajetória dos primeiros voos espaciais tripulados dos Estados Unidos (SHETTERLY, 2016). A. P. J. Abdul Kalam, filho de um proprietário de barcos de pesca de recursos modestos na cidade indiana de Rameswaram, vendia jornais ainda criança para complementar o rendimento familiar, e viria a tornar-se um dos principais cientistas aeroespaciais da Índia e, mais tarde, Presidente do país (KALAM, 1999).

A inclusão destas trajectórias é relevante para o presente estudo por duas razões. Primeiro, porque confirma, num campo distinto o da produção científica, o mesmo padrão identificado nas lideranças políticas e empresariais: adversidade, disciplina e educação, formal ou autodidacta, como matriz comum de formação. Segundo, e mais importante para o propósito deste artigo, porque expõe uma lacuna que o pesquisador considera merecedora de atenção futura: a relativa escassez, na literatura internacional amplamente divulgada, de referências científicas moçambicanas e africanas com visibilidade comparável à destas personalidades. Tal lacuna não deve ser lida como ausência de potencial os percursos de Samora Machel, Graça Machel e Joaquim Chissano aqui analisados demonstram precisamente o contrário, mas antes como um espaço de conhecimento por preencher, que este artigo, ao situar a realidade moçambicana no centro da discussão, procura contribuir para começar a ocupar.

2.10 Limitações e Cuidados Interpretativos

É necessário reconhecer, com rigor científico, os limites do padrão identificado ao longo desta revisão. Nem todo jovem que atravessa a pobreza ou a adversidade se torna líder; nem todo líder analisado neste artigo sofreu privações comparáveis às de outros; e nem toda adversidade, por si só, produz sucesso ou liderança, muitas vezes produz, apenas, sofrimento, sem qualquer desfecho transformador. A amostra aqui reunida foi construída, precisamente, a partir de casos de sucesso reconhecido, o que constitui um viés de selecção relevante: não é possível, a partir destas biografias, estimar que proporção de jovens em contextos semelhantes de adversidade viria, de facto, a desenvolver características de liderança.

Associado a este ponto, existe um risco interpretativo específico que o pesquisador procura activamente evitar: o de romantizar a pobreza ou a adversidade como se estas fossem, por si mesmas, geradoras de liderança. Não é a pobreza que produz liderança. O que parece produzir liderança, segundo a evidência biográfica aqui discutida, é a forma como algumas pessoas respondem às dificuldades que atravessam através da disciplina, da procura de educação, do apoio de figuras significativas e de uma decisão pessoal, tomada ainda jovem, de não se deixar definir pela circunstância. Esta distinção é fundamental: retirar dela qualquer conclusão que sugira que a pobreza deva ser desejada, tolerada ou menos combatida enquanto problema social seria uma leitura profundamente equivocada e alheia ao espírito deste estudo.

2.11 Contributos Recentes: Liderança Jovem, Resiliência e Psicologia Positiva

A literatura clássica mobilizada nas secções anteriores tem sido, nos últimos anos, complementada por um conjunto de contributos que reforçam, com base empírica mais recente, muitos dos padrões aqui identificados. Dimitrova e Wiium (2021), num extenso volume que reúne investigação de mais de trinta países, propõem um modelo alargado de desenvolvimento positivo da juventude, sublinhando a importância de recursos internos e comunitários e não apenas de talento individual na construção de trajectórias de sucesso, com atenção explícita a contextos de baixo e médio rendimento, onde Moçambique se insere. Reddy e Devassy (2023) analisam, de forma mais directamente aplicada à liderança, como a psicologia positiva pode ser mobilizada para cultivar líderes resilientes e orientados por propósito, reforçando a ideia de que a resiliência é uma competência treinável e não um traço fixo.

Na mesma linha, Wood et al. (2024) discutem a importância da resiliência e da determinação ("grit") no desenvolvimento de jovens, argumentando que estas qualidades, mais do que a ausência de dificuldade, explicam a capacidade de perseverar e alcançar objetivos de longo prazo. Förster e Duchek (2022), por fim, discutem como a liderança resiliente se constroi precisamente através da exposição a crises e à incerteza, e não apesar delas. Em conjunto, estes contributos recentes confirmam, com instrumental teórico actualizado, aquilo que a leitura biográfica das secções anteriores já sugeria: a liderança forma-se na relação activa entre adversidade e resposta pessoal, e não na adversidade isoladamente.

2.12 Quadro Comparativo das Trajetórias Analisadas

De modo a sintetizar visualmente as semelhanças e diferenças discutidas ao longo deste capítulo, apresenta-se, no Quadro 1, uma leitura comparativa das principais dimensões identificadas em cada trajectória.

Líder	Área	Adversidade na juventude	Educação	Papel da família	Disciplina	Resultado de liderança
Nelson Mandela	Política	Segregação racial; expulsão universitária	Formal, interrompida	Criado por regente após morte do pai	Rotina mantida na prisão	Reconciliação nacional na África do Sul
Mahatma Gandhi	Resistência civil	Timidez; racismo institucional na África do Sul	Formal, superior no Reino Unido	Casamento e costumes familiares tradicionais	Auto-disciplina ética e espiritual	Independência da Índia pela via não-violenta
Martin Luther King Jr.	Direitos civis	Segregação racial em Atlanta	Formal, doutoramento em Teologia	Filho de pastor baptista	Estudo teológico e oratória	Liderança do movimento pelos direitos civis nos EUA
Abraham Lincoln	Política	Pobreza extrema; morte da mãe	Autodidacta, menos de 1 ano formal	Família humilde de fronteira	Leitura voraz autoimposta	Presidência dos EUA; abolição da escravatura
Steve Jobs	Empreendedorismo	Adopção; afastamento da própria empresa	Universitária, interrompida	Pais adoptivos de recursos limitados	Curiosidade e registo de aprendizagens	Revolução na tecnologia pessoal
Elon Musk	Empreendedorismo	Assédio escolar; ambiente familiar difícil	Formal, emigração para estudar	Ambiente familiar descrito como difícil	Leitura extensiva autodidacta	Liderança em múltiplos sectores tecnológicos

Líder	Área	Adversidade na juventude	Educação	Papel da família	Disciplina	Resultado de liderança
Wangari Maathai	Ambiente e comunidade	Colonialismo; acesso restrito à educação feminina	Bolsa de estudos nos EUA	Apoio familiar decisivo para estudar	Persistência metódica no reflorestamento	Prémio Nobel da Paz; movimento Cinturão Verde
Samora Machel	Política (Moçambique)	Colonialismo; acesso restrito ao ensino secundário	Autodidacta e nocturna, autofinanciada	Filho de camponês	Trabalho assalariado conciliado com estudo	1.º Presidente de Moçambique independente
Graça Machel	Educação e política (Moçambique)	Perda do pai antes de nascer	Formal, superior em Lisboa	Sacrifício da mãe e irmãos para custear estudos	Cumprimento de compromisso familiar	1.ª Ministra da Educação de Moçambique
Joaquim Chissano	Política (Moçambique)	Colonialismo; barreira racial no acesso ao liceu	Formal, interrompida por exílio político	Contexto de restrição colonial	Liderança estudantil precoce	2.º Presidente de Moçambique
Marie Curie	Ciência	Repressão do ensino polaco; privação material em Paris	Clandestina e depois formal, em Paris	Pai professor, apoio intelectual	Estudo autoimposto em condições precárias	Duplo Prémio Nobel (Física e Química)
A. P. J. Abdul Kalam	Ciência	Pobreza material na infância	Formal, engenharia aeroespacial	Família de pescadores, recursos modestos	Trabalho infantil conciliado com estudo	Cientista-chefe e Presidente da Índia

Quadro.1: Comparação das trajetórias analisadas. Fonte: elaborado pelo pesquisador a partir das referências biográficas citadas neste capítulo.

2.13 Modelo Conceptual: as Cinco Bases da Formação da Liderança

A síntese de todas as trajetórias analisadas -- políticas, empresariais, ambientais e científicas, mundiais e moçambicanas -- permite ao pesquisador propor um modelo conceptual próprio, entendido como o principal contributo original deste artigo: o Modelo das Cinco Bases da Formação da Liderança. O modelo não pretende descrever uma sequência rígida e universal, mas antes identificar cinco fatores recorrentes que, combinados e vividos activamente pelo indivíduo, parecem favorecer a emergência da liderança. O Quadro 2 apresenta cada uma das cinco bases, a sua definição sintética e um exemplo ilustrativo retirado das trajetórias discutidas.

Etapa	Elemento do percurso
1	Contexto familiar e social de origem
2	Adversidade vivida na juventude
3	Valores transmitidos pela família ou por figuras significativas
4	Acesso à educação, formal ou autodidacta
5	Disciplina e capacidade de auto-regulação
6	Aprendizagem contínua, incluindo com o fracasso
7	Resiliência consolidada face a novos reveses
8	Propósito e decisão pessoal de agir
9	Liderança

Quadro.2: Modelo das Cinco Bases da Formação da Liderança. Fonte: elaborado pelo pesquisador.

A interação entre estas cinco bases, mais do que qualquer uma delas isoladamente, é o que parece explicar a emergência da liderança. O Quadro 3 procura representar essa interação de forma sequencial e cumulativa, ilustrando o percurso que vai do contexto de origem até à liderança madura.

Etapa	Elemento do percurso
1	Contexto familiar e social de origem
2	Adversidade vivida na juventude
3	Valores transmitidos pela família ou por figuras significativas
4	Acesso à educação, formal ou autodidacta
5	Disciplina e capacidade de auto-regulação
6	Aprendizagem contínua, incluindo com o fracasso
7	Resiliência consolidada face a novos reveses
8	Propósito e decisão pessoal de agir
9	Liderança

Quadro.3: Representação sequencial do percurso de formação da liderança (figura conceptual em formato de quadro). Fonte: elaborado pelo pesquisador.

2.14 Contributo Original do Pesquisador

Se o pesquisador fosse convidado a sintetizar, num único contributo, o resultado desta revisão comparativa, propor-se-ia o Modelo das Cinco Bases da Formação da Liderança, apresentado nas secções anteriores, como referencial conceptual próprio, construído a partir da análise comparativa das biografias mundiais e, de forma particular, das trajectórias moçambicanas de Samora Machel, Graça Machel e Joaquim Chissano. Este modelo sintetiza os fatores recorrentes identificados como adversidade, valores familiares, educação, disciplina e propósito, explicando como a interação entre eles favorece o desenvolvimento da liderança. Longe de se apresentar como fórmula fechada, o modelo pretende oferecer um referencial que outros investigadores, sobretudo moçambicanos e africanos, possam discutir, testar e aperfeiçoar em estudos futuros, contribuindo para que a produção de conhecimento científico sobre liderança deixe de depender exclusivamente de referências estrangeiras e passe a incorporar, com legitimidade própria, a experiência e a cultura moçambicanas.

Esta contribuição confere ao artigo uma identidade própria, que vai além da revisão da literatura: a de um estudo que parte do mundo para regressar, com

instrumentos conceptuais próprios, à realidade concreta que o motivou a juventude moçambicana e a convicção de que as circunstâncias de origem não determinam o destino humano.

3 Metodologia

O presente estudo adopta uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória, sustentada em pesquisa documental e bibliográfica. A opção por esta abordagem justifica-se pela própria natureza do objecto de investigação: compreender como se formam, na juventude, os factores associados à liderança exige uma leitura interpretativa e comparativa de percursos de vida, e não a mensuração estatística de variáveis isoladas, sendo por isso mais adequada a métodos qualitativos do que a desenhos experimentais ou survey (ROBBINS, 2005).

3.1 Desenho do Estudo e Fontes de Dados

Trata-se de um estudo de análise comparativa de biografias, autobiografias e obras académicas de referência sobre liderança e desenvolvimento humano. As fontes primárias utilizadas incluem autobiografias e obras biográficas publicadas por editoras académicas ou de reconhecido mérito entre outras, Mandela (1994), Gandhi (1927), Isaacson (2011; 2023), Goodwin (2005), Maathai (2006), Quinn (1996) e Kalam (1999), complementadas por fontes institucionais e enciclopédicas de reputação verificável para as personalidades moçambicanas (ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA, 2026; FRELIMO, 2026; SAMEPASSAGE, 2026). As fontes teóricas mobilizadas para a construção do quadro analítico incluem obras clássicas da literatura sobre liderança (ERIKSON, 1968; BERGAMINI, 1994; KOUZES; POSNER, 1997; MAXWELL, 2014; CHARAN; DROTTER; NOEL, 2012) e contributos mais recentes sobre desenvolvimento positivo da juventude, resiliência e psicologia positiva (DIMITROVA; WIIUM, 2021; REDDY; DEVASSY, 2023; WOOD et al., 2024; FÖRSTER; DUCHEK, 2022).

3.2 Critérios de Selecção da Amostra

A amostra de personalidades analisadas foi constituída por selecção intencional (não probabilística), orientada por quatro critérios de diversidade: (i) diversidade de campo de actuação -- política, resistência civil, empreendedorismo, activismo ambiental

e ciência; (ii) diversidade geográfica e histórica, evitando a concentração num único continente ou período; (iii) diversidade de género; e (iv) inclusão obrigatória do caso concreto de referência deste estudo -- as trajectórias moçambicanas de Samora Machel, Graça Machel e Joaquim Chissano --, por serem o motivo fundador da investigação. Ao todo, foram analisadas doze personalidades, sintetizadas no Quadro 1 (secção 2.12).

3.3 Procedimento de Análise

A análise comparativa foi conduzida em três etapas. Na primeira etapa, procedeu-se à leitura e sistematização de cada trajectória biográfica, com particular atenção aos episódios de adversidade, aos valores familiares transmitidos, ao percurso educativo, às manifestações de disciplina pessoal e ao momento ou decisão que, em cada caso, é apontado pela literatura como catalisador da liderança. Na segunda etapa, essas dimensões foram utilizadas como categorias analíticas transversais, aplicadas de forma sistemática a todas as trajectórias, permitindo a elaboração do quadro comparativo. Na terceira etapa, procedeu-se à síntese indutiva dessas categorias recorrentes, dando origem ao Modelo das Cinco Bases da Formação da Liderança, apresentado na secção 2.13, entendido como o principal produto analítico deste estudo.

3.4 Limitações do Método

Importa reconhecer, com transparência, as limitações metodológicas do estudo. Em primeiro lugar, trata-se de uma amostra pequena e de selecção intencional, não representativa no sentido estatístico, pelo que os padrões identificados não podem ser generalizados como leis universais, mas antes como tendências recorrentes sujeitas a verificação futura. Em segundo lugar, o estudo apoia-se em fontes secundárias -- sobretudo autobiografias, que estão, por natureza, sujeitas a reconstrução retrospectiva e a alguma selectividade narrativa por parte dos próprios biografados, o que pode acentuar, nas fontes originais, a relação entre adversidade e sucesso. Esta limitação foi mitigada, sempre que possível, pelo cruzamento com fontes institucionais independentes, mas não pode ser inteiramente eliminada. Por fim, a análise foi realizada por um único investigador, o que, apesar de conferir coerência interpretativa ao estudo, não permite o contraste de categorização típico de análises com múltiplos codificadores.

4 Resultados e Discussão

Os resultados deste estudo decorrem directamente da análise comparativa sistematizada no Quadro 1 é sintetizada no Modelo das Cinco Bases da Formação da Liderança (secção 2.13). Esta seção retoma esses resultados de forma consolidada, discutindo o seu significado à luz dos objetivos específicos definidos na introdução.

4.1 Regularidades Identificadas

O primeiro resultado relevante é a confirmação, nas doze trajetórias analisadas, de um padrão recorrente de adversidade vivida na juventude, presente sem excepção em todos os casos, ainda que sob formas distintas: colonial, racial, económica, familiar ou biológica. Este resultado responde diretamente ao objetivo específico (i) do estudo e confirma, com evidência biográfica actualizada e ampliada ao campo científico, o que a literatura clássica já sugeria (MAXWELL, 2014; BLANCHARD et al., 2007): a ausência de trajetórias lineares de sucesso entre as personalidades analisadas. O segundo resultado é a confirmação da educação formal ou autodidacta como factor de charneira em todas as trajetórias, respondendo ao objetivo específico (iv). Verificou-se, contudo, uma distinção relevante quanto à via de acesso: enquanto seis das doze personalidades analisadas (Gandhi, King, Jobs, Musk, Maathai e Graça Machel) progrediram sobretudo por via de instituições formais de ensino, as restantes seis (Mandela, Lincoln, Samora Machel, Chissano, Curie e Kalam) construíram parte significativa da sua formação por via autodidacta, informal ou interrompida por circunstâncias políticas o que sugere, tal como discutido na seção 2.7, a inexistência de um único caminho institucional legítimo para a formação da liderança. O terceiro resultado, relativo aos objectivos específicos (v) e (vi), diz respeito à disciplina pessoal e à influência familiar: em todas as doze trajetórias, identificou-se pelo menos uma figura familiar ou comunitária que desempenhou um papel activo de suporte ou de transmissão de valores, mesmo nos casos de maior privação material -- o que reforça a leitura de Kouzes e Posner (1997) e de Bergamini (1994) sobre a natureza relacional da formação da liderança, e contraria a narrativa popular do "líder que se faz sozinho".

4.2 O Caso Moçambicano em Perspectiva Comparada

Respondendo de forma mais directa ao propósito central deste artigo, os resultados confirmam que as trajetórias de Samora Machel, Graça Machel e Joaquim Chissano não constituem casos periféricos ou meramente ilustrativos dentro da amostra

mundial, mas exemplos plenamente equiparáveis, nas suas cinco bases constitutivas, às trajetórias de personalidades como Lincoln, Mandela ou Curie. A adversidade colonial vivida pelos três moçambicanos é estruturalmente comparável, em termos de restrição de acesso a direitos e a educação, à segregação racial enfrentada por Mandela e por King, e a disciplina de estudo nocturno auto financiado de Samora Machel encontra paralelo directo na leitura autodidacta de Lincoln. Este resultado é, para o pesquisador, o mais relevante do estudo: demonstra, com base comparativa e não apenas afirmativa, que a experiência moçambicana da formação de líderes dialoga em pé de igualdade com a experiência mundial, e não como um caso à parte ou menor. Um segundo resultado relativo ao caso moçambicano, já discutido na secção 2.9, é a constatação de uma lacuna de visibilidade internacional de referências científicas moçambicanas e africanas, por contraste com a abundante documentação biográfica disponível sobre cientistas como Curie, Einstein, Hawking, Johnson ou Kalam. Este resultado, mais do que uma limitação do estudo, é interpretado pelo pesquisador como um achado em si mesmo: um indicador da necessidade de investimento, por parte da investigação moçambicana e africana, na documentação e divulgação de trajetórias científicas locais, de modo a que a próxima geração de jovens moçambicanos disponha de referências próximas e não apenas de modelos estrangeiros.

4.3 O Modelo das Cinco Bases à Prova das Diferenças

Por fim, os resultados discutidos na secção 2.8 mostram que o Modelo das Cinco Bases da Formação da Liderança resiste à diversidade dos casos analisados precisamente porque não prescreve uma sequência temporal fixa nem um peso igual para cada base: em Lincoln e em Samora Machel, a base "disciplina" assume peso analítico maior do que a base "educação formal"; em Graça Machel e em Maathai, é a base "educação" que surge como elemento mais determinante; em Jobs e em Musk, é a base "propósito" entendida como decisão pessoal de reinventar um sector que mais se destaca. Esta variação de peso entre bases, mais do que enfraquecer o modelo, é interpretada como evidência da sua validade explicativa: o modelo não obriga os casos a um molde único, mas oferece uma grelha comum de leitura suficientemente flexível para os acomodar.

5 Considerações Finais

Este estudo procurou responder à questão de investigação sobre em que medida as experiências, os valores e as trajetórias vividas na juventude contribuem para a formação da liderança de personalidades reconhecidas mundialmente, e que padrões comuns e diferenças significativas podem ser identificados entre esses percursos. A análise comparativa de doze trajetórias políticas, empresariais, ambientais e científicas, mundiais e moçambicanas permitiu confirmar que a liderança não decorre de talento inato ou de circunstâncias excepcionalmente favoráveis, mas de um processo cumulativo assente em cinco bases recorrentes: adversidade, valores familiares, educação, disciplina e propósito, sintetizadas no Modelo das Cinco Bases da Formação da Liderança proposto neste artigo.

Do ponto de vista teórico, o principal contributo deste estudo é precisamente este modelo conceptual, construído indutivamente a partir da evidência biográfica mundial e ancorado, de forma deliberada, na realidade moçambicana representada por Samora Machel, Graça Machel e Joaquim Chissano. Do ponto de vista prático, os resultados sugerem que programas de formação de jovens líderes, particularmente em Moçambique e no continente africano, poderão beneficiar de um investimento explícito nas cinco bases identificadas, em particular na criação deliberada de espaços de responsabilidade crescente, de mentoria e de leitura contínua, à semelhança do que a literatura recente sobre psicologia positiva e resiliência tem vindo a recomendar (REDDY; DEVASSY, 2023; WOOD et al., 2024).

O estudo não está isento de limitações, já discutidas na secção 3.4, decorrentes sobretudo da dimensão reduzida e não probabilística da amostra e da dependência de fontes secundárias. Reafirma-se ainda, como cuidado interpretativo central, que os resultados não devem ser lidos como uma valorização da pobreza ou da adversidade em si mesmas, mas da forma activa como cada uma das personalidades analisadas respondeu às circunstâncias que a juventude lhe impôs.

Como sugestões para investigações futuras, recomenda-se: (i) a validação empírica do Modelo das Cinco Bases junto de jovens moçambicanos actualmente em formação, através de metodologias quantitativas ou mistas; (ii) o aprofundamento documental de trajetórias científicas e académicas moçambicanas e africanas ainda pouco divulgadas, de modo a colmatar a lacuna identificada na secção 2.9; e (iii) o desenvolvimento deste artigo num trabalho de maior fôlego eventualmente um livro,

que permita explorar com mais profundidade cada uma das trajetórias aqui apenas comparativamente esboçadas. Fecha-se, assim, este estudo com a convicção que o motivou desde o início: a de que as circunstâncias de origem não determinam o destino humano, e que a juventude moçambicana, tal como as personalidades aqui analisadas, dispõe das bases necessárias para construir, a partir da sua própria realidade, lideranças de relevância mundial.

Referências

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA. Graça Simbine Machel. Disponível em: <https://www.acad-ciencias.pt/eng/scholars/graca-simbine-machel/>. Acesso em: 19 jul. 2026.

BERGAMINI, C. W. Liderança: administração do sentido. São Paulo: Atlas, 1994.

BLANCHARD, K. et al. Liderança de alto nível: como criar e liderar organizações de alto desempenho. Porto Alegre: Bookman, 2007.

CARSON, C. (org.). The Autobiography of Martin Luther King, Jr. New York: Warner Books, 1998.

CHARAN, R.; DROTTER, S.; NOEL, J. Pipeline de liderança: o desenvolvimento de líderes como diferencial competitivo. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

CONGER, J. Quem é a geração X? HSM Management, São Paulo, n. 11, p. 128-138, nov./dez. 1998.

DIMITROVA, R.; WIIUM, N. (Eds.). Handbook of Positive Youth Development: Advancing Research, Policy, and Practice in Global Contexts. Cham: Springer, 2021.

ERIKSON, E. H. Identity: youth and crisis. New York: W. W. Norton & Company, 1968.

FERGUSON, K. Stephen Hawking: His Life and Work. London: Bantam Press, 2011.

FÖRSTER, C.; DUCHEK, S. Leaders' resilience: what leaders can learn from the COVID-19 crisis. In: DHIMAN, S. K.; MARQUES, J. (orgs.). Leadership After COVID-19: Working Together Toward a Sustainable Future. Cham: Springer, 2022.

FRELIMO. Samora Moisés Machel -- Biografia. Disponível em: <https://www.frelimo.org.mz/?p=1081>. Acesso em: 19 jul. 2026.

GANDHI, M. K. An autobiography: the story of my experiments with truth. Ahmedabad: Navajivan Publishing House, 1927.

GOODWIN, D. K. Team of Rivals: The Political Genius of Abraham Lincoln. New York: Simon & Schuster, 2005.

HERSEY, P.; BLANCHARD, K. H. Psicologia para administradores de empresas. São Paulo: EPU, 1977.

ISAACSON, W. Einstein: His Life and Universe. New York: Simon & Schuster, 2007.

ISAACSON, W. Steve Jobs. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2011.

ISAACSON, W. Elon Musk. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2023.

KALAM, A. P. J. Wings of Fire: An Autobiography. Hyderabad: Universities Press, 1999.

KOUZES, J. M.; POSNER, B. Z. O desafio da liderança. 5. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

MAATHAI, W. Unbowed: A Memoir. New York: Alfred A. Knopf, 2006.

MANDELA, N. Long walk to freedom: the autobiography of Nelson Mandela. London: Little, Brown and Company, 1994.

MAXWELL, J. C. O livro de ouro da liderança. São Paulo: Thomas Nelson Brasil, 2014.

QUINN, S. Marie Curie: A Life. New York: Da Capo Press, 1996.

REDDY, K. J.; DEVASSY, V. P. Positive Psychology in Leadership: Cultivating Resilient, Engaged, and Purpose-Driven Leaders. Cham: Springer, 2023.

ROBBINS, S. P. Comportamento organizacional. 11. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005.

SAMEPASSAGE. Joaquim Alberto Chissano. Disponível em: <https://samepassage.org/joaquim-alberto-chissano/>. Acesso em: 19 jul. 2026.

SHETTERLY, M. L. Hidden Figures: The American Dream and the Untold Story of the Black Women Mathematicians Who Helped Win the Space Race. New York: William Morrow, 2016.

WOOD, C.; SPONSELLER, C.; FRERICHS, S. W.; DEMORRA, M. W. Resilience and Grit: What They Are and Why They Matter for Youth Development Professionals. *Journal of Youth Development*, v. 19, n. 4, art. 7, 2024.